

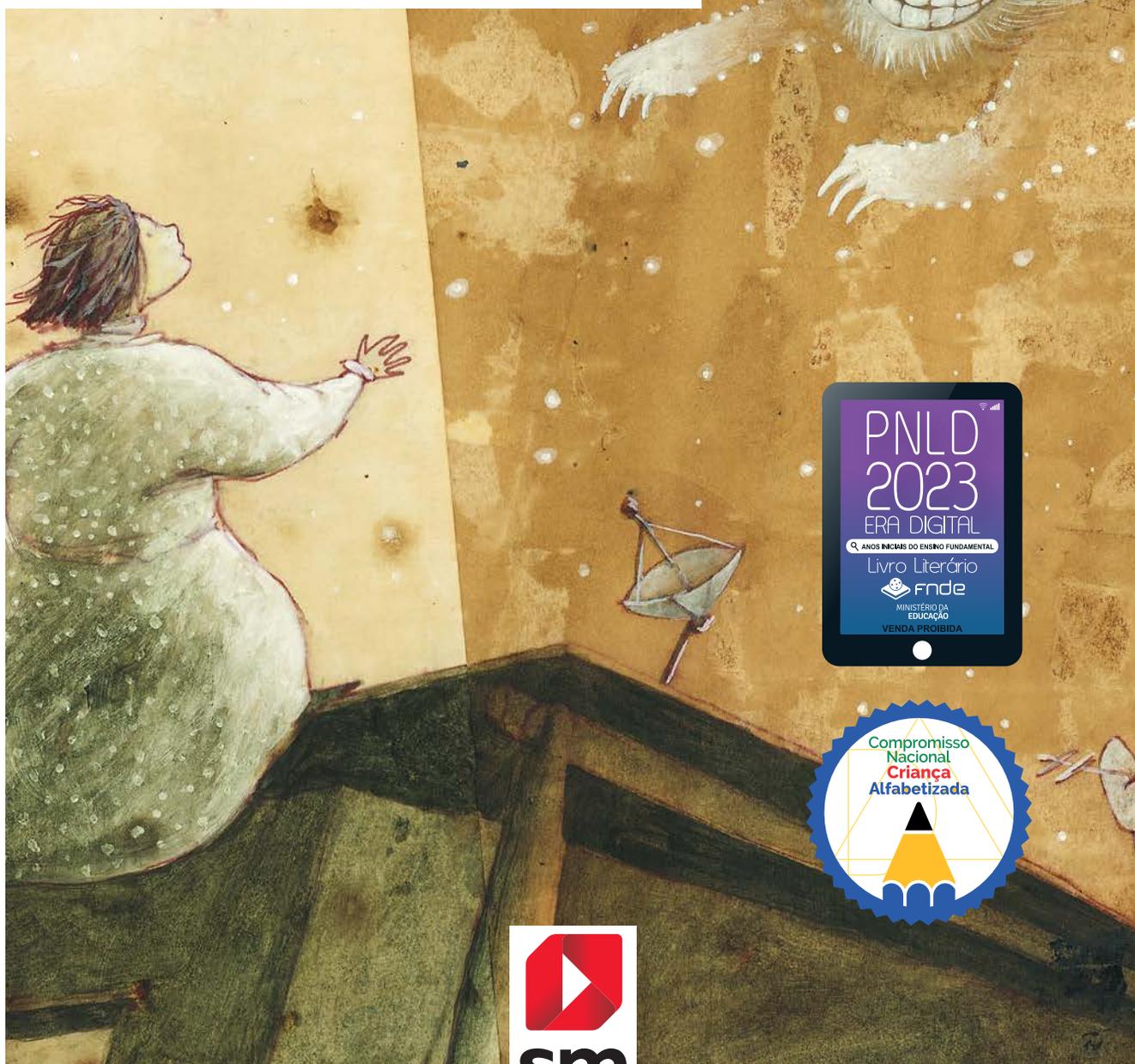
LIVRO DO PROFESSOR

Alice no telhado

Autor e ilustrador: Nelson Cruz

MATERIAL DIGITAL DE APOIO À PRÁTICA DO PROFESSOR

Editora responsável: Graziela Ribeiro dos Santos



Cara professora, caro professor,

Você tem em mãos a obra de um dos maiores autores e ilustradores brasileiros, ganhador de vários prêmios, no Brasil e no exterior, e indicado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) para a lista de honra do Prêmio Internacional Hans Christian Andersen de Ilustração em 2004, considerado o Nobel do mercado infantojuvenil.

Trata-se de uma obra muito criativa, na qual se cruzam várias linhas de força: uma história sobre bloqueio criativo e a inspiração que vem do mundo dos sonhos, mas também um conto que se apropria das personagens de um dos maiores clássicos da literatura juvenil, *Alice no País das Maravilhas*, transplantando-as para um cenário familiar (um morro na periferia de alguma cidade brasileira), o que gera surpresas tanto no plano textual quanto no das imagens. Com base nisso, Nelson Cruz arma uma engenhosa discussão metalinguística sobre as relações entre ficção e realidade, conforme explicaremos ao longo deste material.

Além da retomada do livro paradigmático de Lewis Carroll, a mobilização de outras referências (por exemplo, o enigma que a Esfinge endereça a Édipo, posto por Nelson Cruz na boca do Gato de Cheshire, conhecido como Gato Risonho) faz com que a obra opere em vários níveis de entendimento, produzindo múltiplos efeitos de sentido, o que favorece o desenvolvimento de componentes essenciais para a alfabetização, como o **desenvolvimento de vocabulário** e a **compreensão de textos**, já no nível da **literacia intermediária** (PNA, 2019, p. 21), considerando a destinação para estudantes do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental.

Nas próximas páginas, você encontrará sugestões de exploração da obra e propostas de atividade que apoiarão o trabalho em sala de aula. Sinta-se à vontade para adaptar essas sugestões às suas necessidades específicas e à realidade dos estudantes, da escola e do planejamento letivo. No fim do material, um glossário contextualiza termos relativos à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e à Política Nacional de Alfabetização (PNA), destacados em negrito ao longo do texto. Esperamos, desse modo, contribuir para que a leitura deste livro se transforme em uma experiência de prazer estético e descoberta do mundo, externo e interno, para você e para os estudantes. Boa leitura!

A editora

Sumário

1. Aspectos formais e temáticos da obra 4

- O GÊNERO LITERÁRIO 4
 - Conto 4
 - Inspiração e descontrolo 5
- AS INTERTEXTUALIDADES E REFERÊNCIAS 6
- AS ILUSTRAÇÕES 9
- OS TEMAS 12
 - Diversão e aventura 12
 - Outro tema: Recriação de obra literária 13

2. Propostas pedagógicas 14

- A LEITURA DIALOGADA DA OBRA 14
 - Pré-leitura 14
 - Leitura 16
 - Pós-leitura 17
- OUTRAS ATIVIDADES 18
 - O glossário do livro 18
 - Dramatização da história 19
 - Criando a própria narrativa 21
 - Clube de leitura de *Alice no País das Maravilhas* 21
- AVALIAÇÃO 22

3. MATERIAIS COMPLEMENTARES 23

- PARA OS PROFESSORES 23
- PARA OS ESTUDANTES 24

4. Bibliografia comentada 25

5. GLOSSÁRIO 27

- POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO (PNA) 27
- BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) 28

1. Aspectos formais e temáticos da obra

O GÊNERO LITERÁRIO

Conto

No paratexto ao final de *Alice no telhado*, a obra é caracterizada como conto, isto é, como uma narrativa em prosa de extensão breve, com poucas personagens, cuja ação costuma transcorrer em um intervalo temporal definido, sendo ambientada em um único “cenário” e se organizando ao redor de um conflito central.

O livro de Nelson Cruz atende a tais condições. Nele, o número de personagens é reduzido. Na realidade, temos um narrador-personagem, isto é, um narrador que participa da ação, e as personagens de Lewis Carroll (o Coelho Branco, a Alice, o Chapeleiro Maluco, o Rei e a Rainha de Copas – que na ilustração de Nelson têm o naipe alterado para “espadas” –, três soldados e o Gato de Cheshire), entre as quais apenas Alice e o Gato recebem algum destaque graças ao diálogo que estabelecem entre si.

Quanto à unidade de tempo, o livro sugere que, do mesmo modo que em *Alice no País das Maravilhas* (1865), a ação acontece durante o período de um sonho, com a diferença de que, no texto-fonte de Lewis Carroll, o despertar da protagonista (a passagem do mundo das maravilhas para o mundo “real”) é marcado de modo explícito (ela acorda com a cabeça no colo da irmã, a quem conta o “sonho esquisito” que teve), ao passo que, no livro de Nelson, apenas o início do adormecer é mencionado (p. 6): “Um entorpecimento relaxou meus ombros fazendo o pincel deslizar entre os dedos e rolar sobre os papéis. As pálpebras fecharam lentamente”. A história termina ainda no plano onírico, com o grito das personagens de Lewis Carroll cada vez mais distante (p. 31).

Com relação aos dois últimos pontos que caracterizam os contos, a unidade de espaço e a organização em torno de um conflito central, eles merecem um comentário um pouco mais desenvolvido. O caráter ficcional do espaço em que se ambienta a história de *Alice no telhado* é frisado desde o início: é o espaço da própria página, cujos limites, as bordas e a materialidade são ostensivamente exibidos. Trata-se, assim, de uma história sobre uma história que está sendo escrita e ilustrada por alguém que estava em crise criativa. Crise que, aparentemente, o narrador supera delegando o controle às personagens que “invadem” a página, saídas de um “rabisco-buraco” feito por ele (voltaremos a esse ponto mais adiante).

Uma história sobre uma história, uma “meta-história” que engaja o leitor em um jogo metalinguístico muito particular, uma representação do real: “Era apenas um desenho” (p. 8). A página de papel enfatiza essa abstração, pois a história acontece no próprio papel, e não em um lugar específico do mundo, uma localidade geográfica com latitude e longitude. O livro afirma-se como livro, um livro com personagens imaginárias de outra obra (de um escritor inglês do século XIX), um livro que, vale insistir, exhibe as evidências

de sua materialidade, não apenas os diferentes tipos de papel de que é feito, com bordas, manchas e quadriculados, mas também com elementos como molduras e frisos coloridos, lembrando antigos volumes de iluminuras medievais.

Tudo muda, porém, quando nesse espaço abstrato vemos irromper a paisagem familiar e concreta de uma favela (p. 16-17). As habitações feitas de material precário (pedaços de madeira, chapas de lata, etc.), empilhadas no alto de um morro, com fios de transmissão de energia e antenas parabólicas, situam a história em um espaço (a periferia) e um tempo (a contemporaneidade, indicada pelas antenas parabólicas, ainda que atualmente estejam caindo em desuso).

Tal mudança conduz a história de um espaço abstrato, fechado em si mesmo, para um espaço concreto e real, a favela, convertendo a página em uma espécie de janela para o mundo. Isso também gera uma complicação no conflito inicial: ele deixa de ser apenas a impotência criativa do narrador diante da página em branco para se tornar o da personagem perdida em uma história alheia, que pede ajuda ao Gato: “Como posso sair desse lugar? Preciso voltar para a minha história” (p. 21).

É justamente aí que as coisas se complicam. Como relacionar os dois planos: o abstrato, antirrealista, metalinguístico, e o concreto, realista? Como as estranhezas e os perigos da história-fonte, da qual Nelson Cruz empresta as personagens, se relacionam às estranhezas e aos perigos do novo cenário? Em *Alice no País das Maravilhas*, os perigos diziam respeito à crise de identidade (Alice fica em dúvida o tempo todo sobre quem ela é, qual é o seu tamanho), aos problemas de comunicação entre as personagens e à violência da rainha, gritando o tempo todo “cortem-lhe a cabeça!”. Mas, e na favela, que perigos nos espreitam no alto da laje? Para responder a essa pergunta, é preciso que nos aprofundemos um pouco mais no jogo intertextual que Nelson Cruz estabelece com Lewis Carroll. Antes disso, porém, vamos examinar o conflito inicial que gera a história: a falta de ideias ou de “inspiração” para escrever.

Inspiração e descontrole

Alice no telhado é também um livro sobre como se escreve, sobre como se lida com a falta de inspiração, e sobre a relação entre criatividade e disciplina/controlado. Como aquecimento para discutir esse ponto com a turma, você pode estimular os estudantes a compartilhar experiências e/ou ideias sobre a dificuldade para escrever/criar.

A inspiração é importante ou o que importa tem mais a ver com a disciplina, os exercícios, a prática regular, o esforço, a “transpiração”, como se costuma dizer? O texto criativo e a obra de arte são resultado de uma procura incessante ou simplesmente aparecem na cabeça do artista? A composição é um processo ativo ou passivo? É fruto da racionalidade e do método ou da pura espontaneidade? Ou seria uma mistura desses elementos? A inspiração pode ser “provocada” pelo esforço? Ou é preciso esperar pacientemente para que ela se manifeste? Essas perguntas sempre preocuparam artistas de diferentes épocas e lugares, que deixaram diferentes testemunhos a esse respeito.

No campo literário, por exemplo, representando o entusiasmo pelo controle e pelo planejamento como caminhos fecundos para a criação, temos a reflexão do escritor estadunidense Edgar Allan Poe (1809-1849) no célebre ensaio “Filosofia da composição” (POE, 1999). Poe propõe um método compositivo cujo ponto de partida é a definição do efeito que se pretende causar no leitor. Ele cria um planejamento prévio a ser seguido, descartando completamente o acaso e a intuição. O poeta deve construir o poema passo a passo, como um matemático que resolve um problema.

De todo modo, o narrador do livro de Nelson Cruz começa queixando-se da falta de inspiração: queria escrever, mas o pensamento não se fixava em nada, nenhuma ideia surgia. Diante do insucesso, o narrador rendeu-se ao sono e ao inconsciente, por meio do sonho. Vale lembrar que também nos dois textos mais conhecidos de Lewis Carroll – *Alice no País das Maravilhas* e *Alice através do espelho* – a história se passa no plano onírico. Em *Alice no telhado*, a passagem da vigília ao sonho, do controle ao relaxamento, é antecedida pelo tracejar de um círculo, o qual abre um portal equivalente à toca do coelho ou ao espelho nas histórias de Alice. Por esse portal, irrompem as personagens de Carroll.

Conforme destacado no paratexto ao final do livro, o recurso de usar personagens pré-existentes alivia um pouco a dificuldade de começar uma história do zero, mas o que importa realmente aqui é a impressão, suscitada pelo narrador, de que esse mundo abstrato da página, antes comandado por sua vontade soberana, começa a fugir do controle: “Voltei ao círculo e vi um desenho que não tinha feito, de uma menina” (p. 10, grifo nosso). O narrador-personagem cria então a ilusão de que as coisas passam a acontecer à sua revelia, de que o papel não mais lhe obedece: duas vezes ele vira a página tentando parar as ações do desenho do coelho e da menina, mas fracassa.

No entanto, se por um lado essa “fuga ao controle” o assusta, por outro resolve o problema inicial: não conseguir escrever. Agora a história parece ter vida própria, escrevendo-se e desenhando-se a si mesma. Claro que esse aparente descontrole pode não passar de um truque criado pelo autor, Nelson Cruz, que esteve o tempo todo no comando de tudo. De todo modo, fingido ou sincero, esse descontrole libera a imaginação e a inspiração, fazendo andar a história que estava emperrada.

AS INTERTEXTUALIDADES E REFERÊNCIAS

Considerando a importância da intertextualidade em *Alice no telhado*, é importante situar brevemente os estudantes em relação a Lewis Carroll, criador da primeira Alice, e às personagens do País das Maravilhas recriadas por Cruz.

Lewis Carroll é o pseudônimo inventado por Charles Lutwidge Dodgson, diácono da Igreja Anglicana, que nasceu em 1832, em Daresbury, no condado de Cheshire, e morreu em 1898, em Guildford. Passou a vida inteira na Inglaterra, em um período conhecido como época vitoriana (1837 a 1901), quando o país prosperou, expandiu as fronteiras coloniais e consolidou seu processo de industrialização.

Dodgson foi professor de Matemática na Universidade de Oxford, escreveu livros de Álgebra e Geometria, e também foi poeta e fotógrafo (numa época em que a fotografia estava começando). Ele se divertia contando histórias para crianças. *Alice no País das Maravilhas* nasceu de uma história contada por Dodgson às filhas de um amigo, o pastor Henry Liddell, durante um passeio de barco no rio Tâmsa. Alice Liddell, que tinha então 10 anos, gostou tanto da história que pediu a Dodgson que a escrevesse. A obra acabou sendo lançada em 1865. Em 1871, foi publicada a continuação, intitulada *Através do espelho*. Esses dois livros fizeram a fama de Carroll, que, ao lado de Edward Lear (1812-1888), outro escritor inglês da mesma época, ficou conhecido como criador da literatura *nonsense* vitoriana, caracterizada pelo humor apoiado em brincadeiras com a linguagem e o sentido, por meio de trocadilhos, disparates e invenções verbais. Além das duas Alices, Carroll publicou outros livros de literatura, como o poema “A caça ao Snark”, em 1876, e o romance *Algumas aventuras de Sílvia e Bruno*, em 1889, afora os trabalhos no campo da Matemática.

No que se refere às personagens de *Alice no País das Maravilhas* convocadas por Nelson Cruz, vejamos rapidamente seus principais traços e sua atuação no texto-fonte:

- Coelho Branco: Por sua causa, Alice entra na toca que a conduz ao País das Maravilhas. O Coelho está sempre atrasado para compromissos firmados com a Rainha de Copas.
- Alice: Protagonista da história, passa boa parte do tempo aumentando e diminuindo de tamanho, lembrando de sua gata Dinah, das coisas que aprendeu na escola, discutindo com as criaturas do País das Maravilhas, questionando a falta de lógica do que elas dizem ou fazem.
- Chapeleiro Maluco: Em sua casa, preside um chá das seis que nunca termina, porque ele brigou com o tempo e as horas não avançam mais. A referência à maluquice, segundo estudiosos da obra de Carroll, deve-se ao efeito alucinógeno do mercúrio usado na fabricação de chapéus antigamente (LEITE, 2015, p. 153).
- Rei e Rainha de Copas: São a autoridade máxima no País das Maravilhas. A Rainha é especialmente autoritária e violenta. Vive dando ordens para decapitar seus súditos. O livro se encerra com o julgamento de um valete (jovem escudeiro cuja representação, na carta de baralho, é inferior às cartas da dama e do rei), injustamente acusado de roubar tortas. O julgamento finda com uma briga entre a Rainha e Alice, que questiona o fato de a sentença preceder o veredicto. A Rainha ordena a decapitação de Alice, mas ela não se importa, pois todos não passam de cartas de baralho. Então o baralho inteiro se levanta contra ela, que acaba acordando.
- Gato de Cheshire ou Gato Risonho: Gato de uma duquesa, que chama a atenção por sorrir e por se tornar às vezes invisível, dele restando apenas o sorriso. O sorriso se relaciona, segundo esclarecem os críticos, a um queijo típico do condado de Cheshire que tinha a forma de um gato sorridente (LEITE, 2015, p. 151).

Nelson Cruz retoma essas personagens realizando uma série de transformações. No plano da ilustração, por exemplo, que será aprofundado mais adiante neste material, ele faz uma Alice inspirada em fotos de Alice Liddell tiradas pelo próprio Lewis Carroll, que, por

sua vez, nela havia se inspirado para criar sua personagem mais famosa. O Rei e a Rainha de Copas, acompanhados de três soldados, mudam de naipe e passam a ser “de Espadas” (o que talvez sirva para explicitar a natureza violenta que eles têm na história original).

O deslocamento de Alice do subterrâneo para o telhado também parece apoiado em uma passagem do texto-fonte. Nele, bem no começo, durante a queda na toca do coelho, Alice decide não contar nada para a família, mesmo se ela viesse *a cair de cima do telhado*, o que bem poderia acontecer.

O diálogo entre Alice e o Gato Risonho reproduz, de maneira alterada, uma passagem de *Alice no País das Maravilhas* em que a menina também pede ajuda ao felino para sair de um bosque. Aqui, contudo, convém examinar mais detalhadamente as alterações. No livro de Carroll, é Alice quem primeiro se dirige ao gato; no de Cruz, o gato é quem interpela a menina, perguntando primeiro o seu nome e depois propondo-lhe um enigma. No texto-fonte, quem propõe um enigma a Alice é o Chapeleiro Maluco: “Por que um corvo se parece com uma escrivantina?” (CARROLL, 2013, p. 285). Trata-se de um enigma sem resposta, embora já tenham sido feitos alguns concursos para decifrá-lo. Nelson Cruz muda tanto o enigma quanto a personagem que o profere. No lugar de uma pergunta sem resposta determinada, ele usa o célebre enigma da Esfinge, monstro mitológico grego que endereça a pergunta ao herói Édipo, o qual viria a se tornar rei de Tebas e cuja história posterior é narrada na tragédia do dramaturgo grego Sófocles, *Édipo Rei*. O enigma da Esfinge – para o qual a resposta é “o ser humano”, que engatinha quando pequeno, depois aprende a andar sobre suas pernas e assim vai até a velhice, quando provavelmente necessitará de um bastão ou bengala de apoio – formula a pergunta de modo obscuro, referindo-se ao ser humano como um “animal” e às diferentes fases da vida como períodos no decorrer de um dia. E Alice não a responde.

No entanto, de todas as transformações operadas por Nelson em relação à história original, talvez a mais significativa seja aquela que transforma o Gato Risonho em um “gato-constelação” feito de pequenos pontos luminosos (p. 19). O gato é feito de luzes, em um cenário de favela, onde se destacam na paisagem, além das casas construídas de material precário, uma série de antenas e fios elétricos. O gato se dirige a Alice nos seguintes termos: “[...] o que você deseja *no meu reino*, menina?” (p. 20, grifo nosso).

Um gato-constelação, feito de luzes, cujo reino é a favela. E se pensássemos aqui em outro significado da palavra “gato”, um significado bem brasileiro, que designa justamente as ligações elétricas clandestinas, ilegais, que puxam a energia de uma casa para outra, sem que se pague por isso? Esse duplo sentido da palavra *gato*, muito sintonizada com os jogos de linguagem praticados por Lewis Carroll, possibilita justamente articular os dois planos a que nos referimos no início, o concreto e o metalinguístico, relacionando o gato que vem do livro de um autor estrangeiro do século XIX com a luz que vem da fiação elétrica de outras casas. Em ambos os casos, a energia – ficcional e elétrica – é transportada por meio de truques e estratégias criativas.

Para encerrar esse tópico, vale ressaltar que o próprio Lewis Carroll, em *Alice no País das Maravilhas*, também investiu na intertextualidade fortemente. A prosa do livro é

recheada de poemas que parodiam cantigas tradicionais inglesas facilmente reconhecíveis para os leitores do século XIX. Ana Maria Machado, autora de uma extensa obra para jovens e crianças, ao traduzir esse livro de Carroll, substituiu os poemas vitorianos por paródias de cantigas folclóricas brasileiras ou de poemas bem conhecidos aqui, como “A casa”, de Vinicius de Moraes. De modo semelhante à transformação intentada por Nelson Cruz ao trazer as personagens para a favela, Ana Maria Machado “aclimatou” a obra original às circunstâncias brasileiras a fim de que as crianças daqui também pudessem reconhecer o texto-fonte das paródias. Criou assim uma tradução bastante inovadora em relação às que já existiam e foi premiada (em 1997, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) justamente por isso (ver CARROLL, 2020).

AS ILUSTRAÇÕES

Muito precocemente, bem antes de nos alfabetizarmos, aprendemos a decodificar a imensidão de imagens visuais que nos cercam: a face dos adultos por quem somos cuidados; placas, cartazes e sinais que ocupam a paisagem urbana; as imagens que deslizam nas telas de computadores, celulares e outros *gadgets*, e as das páginas de jornais, revistas e livros.

Tais imagens têm alto grau de complexidade, e sua decodificação estimula o desenvolvimento cognitivo em muitas frentes. No caso específico do livro com ilustrações, o leitor é seduzido, seja pelas figuras (signos icônicos), seja pelas palavras (signos convencionais). Segundo nos ensina a artista e pesquisadora Sophie Van der Linden (2018), imagens e palavras se articulam de diversos modos, desempenhando funções plásticas e semânticas. E tanto o texto escrito pode assumir funções plásticas (quando explora a visualidade das palavras, espalhando-as na página, criando imagens, brincando com fontes e tamanhos de letra) quanto o contrário, quando as ilustrações passam a operar no nível simbólico ou narrativo.

Nos livros com ilustrações oferecidos a estudantes do Ensino Fundamental, a decodificação de imagens e de objetos multissemióticos deve ainda considerar:

[...] as formas de composição e estilo de cada uma das linguagens que os integram, tais como plano/ângulo/lado, figura/fundo, profundidade e foco, cor e intensidade nas imagens visuais estáticas, crescendo, nas imagens dinâmicas e performances, as características de montagem, ritmo, tipo de movimento, duração, distribuição no espaço, sincronização com outras linguagens, complementaridade e interferência etc. [...] (BNCC, 2018, p. 81)

Por fim, o processamento visual (PNA, 2019, p. 26), que começa na etapa de **literacia emergente** e segue se desenvolvendo ao longo do processo educativo, aproveita a familiaridade crescente com os recursos da linguagem multissemiótica e visual, desde que, é claro, se leve em consideração a sensibilidade de cada criança, que reagirá distintamente a diferentes estímulos.

Durante a **leitura dialogada**, encoraje a expressão dessa variedade de reações, aprimorando a compreensão da turma sobre os elementos constitutivos da linguagem visual (a paleta de cores, a luminosidade, o enquadramento, as texturas, a gestualidade do traço,

etc.). Assim, aos poucos os estudantes conquistarão autonomia como intérpretes, constituindo critérios próprios para apreciar as obras. Simultaneamente, estimule os familiares e responsáveis dessas crianças a exercitar com elas, em casa, a leitura de imagens, propiciando desse modo a **literacia familiar**. Todas essas iniciativas contribuem para a fruição estética do texto literário, além de melhorar a *performance* das crianças em atividades de leitura e escrita (PNA, 2019, p. 23).

No paratexto final do livro e nas seções anteriores deste material foram destacados diversos aspectos das ilustrações de Nelson Cruz, que agora vamos recapitular e aprofundar. Em primeiro lugar, salientamos a apresentação do livro como objeto material, feito de papel, com manchas, linhas e bordas aparentes e ilustrações que são apenas desenhos, e não uma representação que busca ser fiel à realidade, ou seja, uma ilusão de realidade. O uso de frisos e molduras coloridas em várias páginas reforça também esse efeito anti-ilusionista da obra. Vale a pena chamar a atenção da turma para esses aspectos, perguntando qual seria, na opinião deles, a razão por trás dessas escolhas.

Destaca-se também a variação no enquadramento das imagens e na movimentação das personagens, evidenciando repetições e mudanças, que criam no leitor determinada expectativa, a qual, contrariada, produz surpresa.

Você também pode exemplificar pedindo aos estudantes que observem o enquadramento e a movimentação das personagens no intervalo entre as páginas 8 e 15 (a escolha do plano médio, em que a ilustração assume uma distância média em relação ao objeto, que ocupa boa parte do ambiente, mas com espaço à sua volta, e o deslocamento horizontal, da página da esquerda para a da direita). Solicite também que analisem a mudança que ocorre nas páginas 16-17, quando o foco se abre para uma paisagem concreta, fazendo com que as personagens “encolham” para dar destaque à favela. Vale a pena observar em detalhe essa dupla de páginas, reproduzida a seguir.

NELSON CRUZ / ALICE NO TELHADO / ARQUIVO DA EDITORA



Foco aberto na paisagem: ilustração das páginas 16 e 17.

Em primeiro lugar, você pode destacar que as personagens que aparecem em tamanho reduzido no telhado do prédio na página da esquerda são as mesmas que estavam correndo atrás do coelho na página anterior. A escada carregada por um dos soldados está apoiada na lateral do prédio, como se o grupo tivesse subido por ela. Embora as personagens apareçam sombreadas, como silhuetas nas quais não se enxergam detalhes, é possível identificar claramente a Rainha, o Rei e os três soldados. Um deles segura o mesmo estandarte da página anterior, apontando algo na página da direita. No canto inferior da página da direita, em tamanho bem reduzido, é possível ver a sombra do Coelho Branco caminhando sobre o telhado de outra construção. Percebemos então que é para ele que o soldado com o braço estendido aponta.

Além disso, você pode também estimular as crianças a observar as casas, os materiais de que são feitas (pedaços de madeira, chapas de lata, etc.) e a maneira pela qual elas se equilibram na paisagem. As casas estão divididas em dois planos, um mais próximo, que ocupa as diagonais interiores da imagem, e outro mais distante, por meio do qual avistamos um terreno assemelhado a um morro. O terreno é todo irregular, as construções não ficam alinhadas no mesmo plano, o que sugere justamente um tipo de urbanização sem planejamento, como o que ocorre nas áreas periféricas de muitas cidades brasileiras. Em um dos fios elétricos no canto superior esquerdo, vê-se um par de tênis amarrado, evocando o ato cifrado de arremessar calçados na fiação.

Por fim, ao mesmo tempo que a imagem revela uma paisagem concreta, uma cena na periferia de uma cidade brasileira, as marcas anti-ilusionistas que exibem a materialidade do papel continuam: é possível ver as manchas, as emendas entre diferentes papéis, as bordas da folha e até algumas manchas mais escuras, como se o papel tivesse sido queimado. Abre-se então uma janela para a realidade e, ao mesmo tempo, se adverte o leitor de que ele ainda está diante de um desenho, uma representação.

Outro elemento das ilustrações que pode ser examinado é a representação da protagonista da história. Você pode, por exemplo, confrontar essa representação com outras, como as ilustrações originais de John Tenniel (1820-1914), publicadas no século XIX ([link nas referências](#), em *Materiais complementares*). Essa primeira representação da Alice, loira de cabelos longos, acabou influenciando outras, como a da animação de 1951. Nelson Cruz, contudo, preferiu tomar como modelo fotografias da menina Alice Liddell, para quem o reverendo Dodgson contou pela primeira vez a história do País das Maravilhas. Na página de rosto da obra (reproduzida a seguir), Nelson reúne retratos de Alice e de Lewis Carroll, desenhados por ele com base em fotos da época ([link nas referências](#), em *Materiais complementares*).



Alice e Lewis: ilustração das páginas 2 e 3.

O uso de fotografias como base para as ilustrações permite também retomar a discussão sobre realidade e representação que o livro promove o tempo todo, misturando personagens de ficção a paisagens reais, criando ilustrações que são apenas desenhos que apontam para a existência objetiva, exterior, daquilo que elas retratam.

Essas foram apenas algumas sugestões de exploração das imagens do livro. Aproveite também as contribuições dos estudantes, que certamente perceberão outros aspectos propícios à interpretação multissemiótica e intermodal da obra.

OS TEMAS

Diversão e aventura

Estudos diversos ressaltam a relevância de aventuras em contextos imaginários como recurso na literatura dirigida às crianças dos primeiros anos do Ensino Fundamental, em especial no que se refere à construção do imaginário e ao entendimento das emoções. Como foi apontado anteriormente, em *Alice no telhado*, a narrativa utiliza esse recurso ao longo de toda a história, especialmente por meio da intertextualidade com a obra clássica *Alice no País das Maravilhas*.

Em *Alice no telhado*, a história começa com o narrador-personagem fazendo um relato pessoal sobre a falta de inspiração para escrever até que, em um estágio de sonolência, desenha um círculo (forma simples) de onde começam a surgir as personagens. O que se passa a seguir é a imaginação/o sonho do autor-ilustrador tomando forma e brincando com as referências que ele elegeu para dar corpo à nova história. É desse modo que surgem o Coelho Branco e, na sequência, as outras personagens que vêm atrás dele. O narrador se deixa envolver pela surpresa daquela invasão nas páginas espalhadas pela mesa: tenta pausar o coelho, depois retira o buraco de onde as personagens surgiram para conseguir acompanhar um pouco mais a história e, por fim, as ajuda a voltar para a

trama original a que pertencem. Acompanhar esse narrador que tenta interferir na ação, que não exerce apenas o papel de contador da história, tem tudo para ser uma experiência divertida e instigante para os estudantes. Por isso, esse exercício imaginativo deve ser estimulado e valorizado durante os momentos de leitura.

A obra também proporciona o contato do leitor com diversas situações e emoções que permeiam o universo infantojuvenil. As personagens se movimentam de acordo com uma lógica de ausência de limites precisos entre realidade e fantasia, própria da infância. Durante sua incursão pelos telhados, a protagonista conversa com o Gato Risonho e também conhece um pouco mais sobre si mesma, o que sugere aos leitores que eles também podem, por meio da convivência com outros seres (ainda que imaginários), encontrar respostas para seus questionamentos interiores e sobre o mundo que os rodeiam. A aventura de Alice nesse contexto imaginário auxilia, portanto, os estudantes a reconhecer as próprias emoções, valorizando o potencial humanizador da experiência literária. Em resumo, a obra contribui para o autoconhecimento por meio da reflexão sobre a atuação do narrador ou da identificação com as ações e características das personagens.

Outro tema: Recriação de obra literária

Como já mencionado, as personagens do romance *Alice no País das Maravilhas* são retomadas e adaptadas para o conto ilustrado *Alice no telhado*. Algumas de suas características ou ações originais foram modificadas, aproximando-as da realidade brasileira, facilitando a identificação dos leitores com o cenário e com a jornada da protagonista em sua aventura.

Em especial para leitores dos primeiros anos do Ensino Fundamental, é importante apresentar diversificadas estratégias de abordagem ao texto literário, de modo a proporcionar o desenvolvimento de uma compreensão heterogênea e não mitificada da literatura.

A proposta de textos adaptados, reescritos ou recriados dos clássicos literários, produzidos contemporaneamente, como *Alice no telhado*, pode ser uma estratégia interessante de aproximação dos cânones. Eles frequentemente tornam tais obras mais acessíveis ao entendimento dos leitores dos anos iniciais, como se constituíssem uma espécie de introdução a elas. Contudo, não devem ser considerados suficientes para o conhecimento amplo de mundo e do contexto histórico e cultural que os clássicos, em sua essência, proporcionam. Cabe a você, professor, garantir o acesso diversificado tanto às obras adaptadas quanto aos clássicos, de forma equilibrada. Em *Outras atividades* (p. 18 deste material), você encontrará sugestões de como conduzir esse trabalho.

2. Propostas pedagógicas

Na seção anterior deste material foi apresentada a estreita relação entre *Alice no telhado* e a obra clássica de Lewis Carroll *Alice no País das Maravilhas*.

Uma estratégia interessante é checar os conhecimentos prévios da turma sobre a obra em que o autor Nelson Cruz se inspira, para então aprofundá-los. Consulte se a biblioteca da escola possui exemplares do livro *Alice no País das Maravilhas* e apresente a história aos estudantes (ou retome-a, caso eles já a conheçam) nos momentos indicados na **leitura dialogada**, a seguir. Em *Outras atividades*, mais adiante neste material, você encontrará uma proposta de clube de leitura para apresentar o clássico aos estudantes.

Durante a **leitura dialogada** de *Alice no telhado*, explore as personagens, seus nomes e características, o motivo pelo qual estão correndo, o cenário em que a história se passa e qual é a relação do narrador com o desenrolar da história, incentivando assim a interação dos estudantes nos momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura. Essa prática estimula o desenvolvimento da **compreensão de textos**, da **fluência em leitura oral**, do **desenvolvimento de vocabulário**, além de aprimorar a linguagem, aumentar o conhecimento do mundo e promover o gosto pela literatura.

É fundamental estimular também a **literacia familiar**, propondo situações de partilha e leitura com os familiares ou responsáveis dos estudantes. Proponha formas de comunicação direta com eles e permita que as famílias compartilhem vivências e troquem sugestões, sempre contando com o seu apoio.

Por fim, nesta seção você também encontrará sugestões que contribuirão para avaliar o aprendizado dos estudantes e registrar as conquistas individuais e a trajetória da turma.

A LEITURA DIALOGADA DA OBRA

O primeiro contato com um livro é um momento especial e deve ser feito sem pressa. Se achar adequado, segmente a leitura em mais de um dia, dedicando um tempo maior para explorar a fundo as singularidades de *Alice no telhado*. Valorize esse momento com a obra convidando os estudantes para fazer a leitura em um espaço aberto, fora do contexto da sala de aula, de modo que experimentem sensações diferentes e tenham mais liberdade de movimento para se manifestarem sobre as personagens, o que sabem a respeito delas e o que acham que vai acontecer com cada uma assim que o narrador “virar” a página do livro.

A seguir, você encontrará orientações para efetuar a **leitura dialogada** em três etapas: começando pelo momento de pré-leitura, seguindo para a discussão durante a leitura para, então, finalizar no momento de pós-leitura. A intenção é estimular a interação dos estudantes para que se apropriem profundamente do conteúdo do livro.

Pré-leitura

Inicie a conversa com os estudantes apresentando o gênero narrativo do livro que vão ler: um conto ilustrado. Faça o levantamento prévio dos conhecimentos da turma

sobre o gênero conto, convidando os estudantes a compartilhar contos que conheçam. Apresente ou retome as características do gênero, apenas para que os estudantes consigam identificar algumas delas ao longo da leitura.

Com o livro em mãos, conduza a leitura de elementos pré-textuais (título do livro, ilustração da capa e da quarta capa). Você pode segurar um exemplar e incentivar os estudantes a se aproximarem para observar o livro de perto, ou pode distribuir exemplares entre eles e pedir que acompanhem a sua leitura observando os elementos que você apontar.

Abra o livro com a capa voltada para os estudantes, de modo que eles possam ver a ilustração que ocupa capa e quarta capa. Peça que descrevam o que veem e levantem hipóteses sobre a história que será contada no livro. Algumas perguntas podem motivá-los a falar: O que você está vendo na capa? Você já viu essas personagens em algum lugar antes? Observe o cenário. Você consegue identificar onde a menina está? O que parece que ela está fazendo? Sobre quais assuntos você acha que o livro trata?

Na sequência, leia o título e o nome do autor e ilustrador. Chame a atenção para o fato de que o livro foi escrito e ilustrado por Nelson Cruz, autor reconhecido. Explore o nome presente no título: ele faz os estudantes se lembrarem de alguma outra obra? Caso reconheçam de imediato a intertextualidade com *Alice no País das Maravilhas*, promova uma conversa sobre a obra original: Quais são as personagens dessa obra? O que acontece na história? O que pensam que pode ser parecido com a história que vão ler? Você pode conduzir a leitura em paralelo à da adaptação da obra original, conforme sugestões dispostas neste manual na atividade *Clube de leitura de Alice no País das Maravilhas*.

Convide os estudantes a levantar hipóteses sobre o gato, representado na ilustração da capa, e sobre a menina, representada na ilustração da quarta capa. Peça a um voluntário que leia o texto da quarta capa, ou faça você mesmo essa leitura. Estimule-os a levantar hipóteses sobre como acham que o texto se relaciona com as personagens ilustradas. Verifique se os estudantes compreendem o vocábulo “despretensioso”. Caso não o conheçam, estimule-os a levantar hipóteses de acordo com o contexto, trabalhando o **desenvolvimento de vocabulário**; por fim, você pode também apresentar alguns sinônimos.

Em seguida, mostre a página de rosto (p. 1), a dupla de páginas seguinte (p. 2-3), com ilustrações que parecem reproduzir uma galeria de fotos antigas, a página de créditos (p. 4) e a dedicatória (p. 5). Faça perguntas que incentivem os estudantes a descrever o que estão vendo e a observar as pistas oferecidas sobre o conteúdo. Dirija-lhes algumas perguntas como: O que você vê na página de rosto? Parece com uma folha arrancada de um caderno, não é? Quem você acha que vai contar essa história? Quem você imagina que sejam essas pessoas das ilustrações? Será que são as personagens da história que será contada aqui? Como apresentado anteriormente neste material e no paratexto ao final de *Alice no telhado*, nas páginas iniciais do livro (p. 2-3) há uma série de esboços de Alice Liddell e de Lewis Carroll, feitos por Nelson Cruz com base em fotos antigas.

Leitura

Promova a leitura em voz alta do livro, apresentando o texto e a ilustração de cada dupla de páginas. Enfatize a entonação, diferenciando as falas das personagens da voz do narrador-personagem. Explore as páginas com calma, chamando a atenção dos estudantes para o cenário, as personagens presentes e os diálogos, bem como a reação do narrador. Destaque, especialmente, as manchas e o tom terroso das páginas. Conte aos estudantes que o autor-ilustrador as tingiu com café. Questione os estudantes sobre os possíveis motivos de ele ter feito isso e os efeitos provocados em quem lê o livro e observa as imagens.

Mantenha um diálogo constante: interrompa a leitura para conversar sobre o que foi lido e sobre o que estão vendo nas ilustrações, o que pensam que vai acontecer com as personagens, para onde vão e de onde vieram. Faça perguntas: Quem está na cena? O que a(s) personagem(ns) está(ão) fazendo? Em que lugar você acha que a cena está acontecendo? Você viu uma cena semelhante a essa (p. 18-19) antes? O que percebe agora que difere da cena na capa do livro? Alguém imagina a resposta do enigma proposto pelo Gato Risonho (p. 20)? O que o narrador fez (p. 21)? Ele interferiu na história?

A resposta do enigma está na seção *As intertextualidades e referências* (p. 6 deste material) e também no paratexto ao final do livro (p. 36), o qual sugerimos trabalhar no momento de pós-leitura. Caso os estudantes ainda assim não deduzam a resposta nem a compreendam, explique que cada período do dia representa uma fase da vida e que “as pernas” do animal que a charada cita são uma representação dos apoios que o ser humano usa para se locomover em cada uma dessas fases: quando pequeno, o ser humano engatinha (usa quatro apoios); quando já anda, na infância, adolescência e vida adulta, caminha sobre duas pernas (usa dois apoios); e, na velhice, se vale do auxílio de uma bengala (usa três apoios).

Convide os estudantes a observar com atenção como o texto escrito e as ilustrações constroem sentidos conjuntamente a cada dupla de páginas: ilustrações e texturas não têm papel secundário, narram a história assim como o texto escrito.

Caso não tenha optado por fazer isso anteriormente, neste momento distribua exemplares entre os estudantes e permita que pratiquem a leitura de forma autônoma. Por exemplo, em duplas, eles podem ler o texto um para o outro, um assumindo o papel do narrador e o outro, das personagens. Essa é uma prática que permite o **desenvolvimento de vocabulário** (receptivo e expressivo), bem como o aprimoramento da **fluência em leitura oral** e do **conhecimento alfabético**. Dê abertura para que tirem dúvidas de vocabulário sempre que precisarem. No livro, há palavras que os estudantes provavelmente não dominam (isso será abordado a seguir, em uma proposta didática complementar).

Avalie a possibilidade de reler o livro para que todos tenham a oportunidade de participar. A leitura compartilhada permite uma experiência mais dinâmica e participativa. É possível que alguns estudantes ainda não se sintam confortáveis em ler em voz alta. Nesse caso, apenas ressalte que a sala de aula é um espaço seguro para exercitarem a **fluência em leitura oral** e que, se mudarem de ideia, podem avisar a qualquer momento.

Para expandir as interpretações e relacioná-las às vivências e aos conhecimentos prévios da turma, incentive a troca de ideias durante a leitura feita por você ou pelos próprios estudantes. A conversa permite que eles construam argumentos e interpretações, troquem informações, comuniquem sentimentos e expressem ideias oralmente. O paratexto dirigido aos estudantes (p. 34-39) pode ser um bom disparador para essas conversas, bem como auxiliar também nas discussões pós-leitura.

Esse momento de leitura e diálogo pode ser também o ideal para aprofundar a conversa sobre a obra que inspira *Alice no telhado*. Conforme mencionado anteriormente, de acordo com a realidade e os conhecimentos prévios da turma, você pode optar por uma leitura antecipada, paralela, ou ainda tratar a obra presente como uma preparação para que posteriormente os estudantes conheçam o clássico da literatura.

Pós-leitura

Terminada a leitura, é hora de verificar se o conteúdo da narrativa foi apreendido pela turma e descobrir as opiniões dos estudantes. Algumas perguntas podem ser bons disparadores de discussão com esse objetivo. Faça-as dirigidas ao grupo ou a um estudante por vez: Você gostou do livro? Qual parte foi sua favorita? De qual personagem você mais gostou? Por quê? A qual história a personagem Alice se refere quando diz que precisa retornar? Ela consegue encontrar o caminho de volta? Como isso acontece?

Durante a conversa, estimule os estudantes a pensar sobre a criação do livro e características que são próprias do gênero literário: Vocês já conheciam as personagens desse conto? O narrador participa da história? De que forma? É diferente de outros contos que você já leu ou ouviu?

Convide as crianças a refletir e dialogar também sobre os temas pertinentes à obra: O que você achou que o narrador-personagem quis dizer com “buscar inspiração” para escrever uma história? Você já teve uma ideia e quis colocá-la no papel para contar ou mostrar para outras pessoas? Foi difícil ou fácil fazer isso? O fato de o narrador-personagem conhecer uma história escrita por outra pessoa foi algo que o ajudou a escrever a história dele? Como isso aconteceu? Você acha que ler e conhecer diferentes histórias pode ajudá-lo a contar as suas próprias histórias?

Após a **leitura dialogada**, considere expandir o trabalho com o livro propondo à turma outras atividades. A seguir, há algumas sugestões. Dessa forma, você poderá avaliar se os estudantes compreenderam o livro com clareza e também dirimir as dúvidas que surgirem. Se julgar necessário, oriente que leiam algumas páginas novamente.

Com o hábito da **leitura dialogada**, você constituirá com os estudantes um espaço seguro para adquirirem e compartilharem conhecimentos e se perceberem como atores da atividade literária, ou seja, como leitores literários.

COMPONENTES DA PNA

- Literacia: compreensão de textos, desenvolvimento de vocabulário, fluência em leitura oral
- Literacia familiar

HABILIDADES DA BNCC

- Língua Portuguesa: EF15LP02; EF15LP03; EF15LP04; EF15LP09; EF15LP10; EF15LP13; EF15LP15; EF15LP16; EF15LP18; EF12LP18; EF35LP01; EF35LP03; EF35LP04; EF35LP05; EF35LP21; EF35LP26; EF35LP29; EF01LP26; EF02LP26

Observação: consulte os termos da PNA e da BNCC no *Glossário* da página 27.

OUTRAS ATIVIDADES

O glossário do livro

Após a **leitura dialogada**, organize os estudantes em pequenos grupos. Entregue exemplares de *Alice no telhado* para cada um deles e explique à turma que deverá fazer a leitura novamente, prestando atenção, agora, nas palavras cujo significado desconheça. Cada grupo deverá escolher duas palavras do livro, preferencialmente de forma que não se repitam entre os grupos. As palavras serão selecionadas em consenso pelo grupo e anotadas por você na lousa, para que os demais grupos vejam e evitem repetições. Seguindo uma ordem definida por sorteio, um grupo por vez apresentará a sua lista. Se achar adequado, você pode dar exemplos de palavras desconhecidas até então pelos estudantes para que eles se inspirem: “perambulou”, “despretensioso”, “entorpecimento”, “sonolência” (p. 6). Então, diga que eles vão montar um glossário de *Alice no telhado*. Explique como funciona um glossário: uma lista em ordem alfabética de termos desconhecidos acompanhados de suas definições. Conte que é comum o glossário ficar no final de um livro. Uma opção para os estudantes ainda em fase de alfabetização é propor um glossário ilustrado, em que você seja o escriba do grupo e as crianças, as ilustradoras.

O ideal é que você separe previamente algum glossário impresso para, nesse momento, apresentar aos estudantes sua estrutura formal. Se tiver a possibilidade de utilizar os meios digitais, separe um ou dois *sites* com glossário virtual para navegar, apresentando-os à turma. Caso essa opção esteja disponível, um desdobramento dessa proposta é levar os grupos ao laboratório de informática da escola e auxiliá-los a consultar exemplos de glossários de termos específicos disponíveis em *sites* seguros na internet.

Alguns pontos devem ser abordados com os estudantes antes que iniciem a confecção do glossário: a função de um glossário (apresentar definições de termos desconhecidos do leitor, de modo a facilitar o entendimento do texto); a forma de organização das palavras (ordem alfabética); o critério de escolha das palavras (aquelas cujos significados eles desconhecem); a quem o glossário se dirige (aos leitores da obra literária, para que compreendam melhor o que leem); como devem ser as explicações das palavras (breves, textos curtos); a variedade da língua empregada (formal).

Depois de trabalhar as características do glossário, os estudantes poderão começar a produção. Para isso, cada grupo terá de realizar, com o seu auxílio, pesquisas em um dicionário. Ao localizarem a palavra buscada, você pode ler as definições; caso haja mais de um significado, estimule os estudantes a identificar o mais adequado à história.

A confecção do glossário deve seguir algumas etapas: escolha das palavras (já realizada); pesquisa de suas acepções no dicionário e seleção das que combinem com o sentido em que foram usadas no texto (na consulta, eles devem selecionar o significado adequado); escrita das palavras e de suas respectivas definições em linguagem formal (uma em cada folha avulsa que você vai entregar); agrupamento das palavras alfabeticamente.

Incentive os integrantes de cada grupo a fazer a leitura uns para os outros em voz alta e oriente que troquem entre si os textos produzidos para sugestões e eventuais correções. Auxilie-os ao longo de todo o processo e ofereça mais algumas folhas avulsas caso queiram ilustrar os verbetes.

Ao final, reúna todas as páginas, agrupando-as em ordem alfabética, formando um livreto, que será o glossário de *Alice no telhado*. Os estudantes, se quiserem, podem realizar um concurso para a produção da capa do livreto, que ficará na sala de aula, disponível para consulta de todos, mas antes pode também ser levado para casa com a obra literária para ser compartilhado com os familiares e responsáveis, estimulando, assim, a **literacia familiar**.

COMPONENTES DA PNA

- Literacia: compreensão de textos, desenvolvimento de vocabulário, produção de escrita, conhecimento alfabético, fluência em leitura oral
- Literacia familiar

HABILIDADES DA BNCC

- Língua Portuguesa: EF15LP05; EF15LP06; EF15LP07; EF15LP09; EF15LP10; EF15LP18; EF12LP01; EF35LP05; EF35LP07; EF35LP12; EF01LP02; EF02LP01; EF03LP01

Observação: consulte os termos da PNA e da BNCC no *Glossário* da página 27.

Dramatização da história

Esta proposta integra conteúdos diversos da área de Linguagens: Língua Portuguesa e Arte. Se possível, organize a aplicação de forma integrada entre os dois componentes curriculares.

Inicie pedindo aos estudantes que se sentem em roda; distribua exemplares de *Alice no telhado* e diga que vão fazer uma dramatização do conto de Nelson Cruz. Promova uma nova leitura da obra. Dessa vez, peça aos estudantes que prestem atenção aos detalhes de cada cena, que serão importantes para pensar a caracterização das personagens e a confecção dos cenários na encenação que farão da obra. Peça que anotem no caderno o que foi discutido pela turma. Em seguida, distribua alguns exemplos de texto teatral para que conheçam e tenham como referência. A ideia é que os estudantes percebam que algumas

características formais do texto teatral diferem das do conto, como a indicação das cenas e das falas das personagens nos diálogos e rubricas (orientações sobre o que deve ser feito na encenação). Proponha, então, a reescrita coletiva da narrativa, agora como texto teatral. Você pode ser o escriba da turma, ou pode pedir que alguns voluntários se revezem para escrever o texto, sob sua orientação. Faça algumas perguntas para instigar os estudantes a pensar em que página começa e termina cada cena e como se portam as personagens e o narrador. Ao final, é importante que você faça a leitura em voz alta do texto teatral, modulando as diferentes vozes das personagens e do narrador e enfatizando as rubricas que indicarão onde o cenário muda e de que modo as personagens entram e saem de cena. Providencie cópias do texto teatral para todos da turma. A partir daí, os estudantes devem dar início à etapa prática, para a qual o texto servirá de guia: é o texto que vai especificar as personagens, os diálogos e fazer as indicações cênicas para ajudar a lembrar as ações importantes ao longo da encenação. Os estudantes deverão definir quem serão os atores (e quem representará cada personagem identificada) e quem trabalhará na confecção de cenário, figurino e produção; depois, vão precisar decorar os diálogos e ensaiar; por fim, vão determinar onde a apresentação vai acontecer e quem vão convidar para assistir à peça. É fundamental que os estudantes compreendam que todos os envolvidos na montagem da peça são igualmente importantes. Oriente-os a pedir ajuda aos familiares ou responsáveis para exercitar as falas ou preparar detalhes para compor o figurino e o cenário. Esteja disponível para esclarecer dúvidas sempre que necessário. Por exemplo, para explorar o cenário e aproximá-lo das ilustrações do livro, você pode apresentar aos estudantes algumas técnicas para simular papel envelhecido para compor o palco, representando o papel espalhado sobre a mesa do narrador-personagem, como nas páginas do livro. É possível também usar papelão, papel *kraft* e sucatas para compor o cenário de telhados com as antenas onde posteriormente a personagem Alice surge na conversa com o Gato Risonho (a partir da p. 18).

Após o tempo necessário de ensaios e preparação, será o momento de apresentar a peça. A turma pode ajudar a deliberar qual é a melhor data e quem desejam convidar para assistir à apresentação. Se possível, faça registros desse momento em fotos ou vídeos, que ajudarão você a acompanhar o trabalho da turma e poderão constar no portfólio de atividades que catalogará o percurso de aprendizado da turma ao longo do ano letivo.

COMPONENTES DA PNA

- Literacia: compreensão de textos, desenvolvimento de vocabulário, conhecimento alfabético, produção de escrita, fluência em leitura oral
- Literacia familiar

HABILIDADES DA BNCC

- Língua Portuguesa: EF15LP05; EF15LP06; EF15LP07; EF15LP09; EF15LP10; EF15LP12; EF15LP15; EF15LP16; EF15LP19; EF35LP01; EF35LP03; EF35LP04; EF35LP07; EF35LP24; EF01LP25; EF02LP26; EF02LP27
- Arte: EF15AR19; EF15AR20

Observação: consulte os termos da PNA e da BNCC no *Glossário* da página 27.

Criando a própria narrativa

Proponha aos estudantes um exercício de **produção de escrita** sobre alguma ideia que já tenham ou que surgir no momento. Deixe-os livres para utilizarem diferentes linguagens para isso, como a escrita ou a ilustração. O intuito é criar um ambiente em que eles colaborem artisticamente e que exercitem modos de contar narrativas por meio das linguagens que escolherem.

Para iniciar, promova uma conversa sobre a noção de “inspiração”, questionando-os se acham que é algo de fato totalmente espontâneo ou se é preciso dedicação e algum repertório para permitir que as ideias surjam, como no caso de um autor e/ou ilustrador. Questione-os: Como vocês acham que é criar uma história? O que faz um autor ou um ilustrador quando está sem ideia para criar?

Incentive-os a pensar também sobre como, por vezes, temos a sensação de que as ideias saltam à nossa frente, como se não pudéssemos controlá-las. Pergunte se já tiveram uma experiência assim. Após a conversa, distribua folhas de papel sulfite aos estudantes que preferirem criações individuais ou disponha no chão da sala de aula algumas folhas de papel *kraft* se quiserem criar com os colegas; nesse caso, organize pequenos grupos em torno de cada folha. Forneça os materiais e proponha à turma, assim como o narrador-personagem de *Alice no telhado*, que também exercite traçar formas conhecidas – de objetos, pessoas ou animais – como ponto de partida e que se deixe inspirar por personagens de outras histórias. Então, circule entre os estudantes ou grupos e faça comentários que possam estimular as narrativas. Conforme eles forem desenhando ou escrevendo, faça sugestões para que se sintam estimulados a inventar e a soltar a imaginação.

Ao final, promova uma roda de conversa e convide os estudantes a compartilhar suas criações, individuais ou em grupo, lendo para o restante da turma a narrativa que escolheram contar e relatando como foi o processo.

COMPONENTES DA PNA

- Literacia: compreensão de textos, desenvolvimento de vocabulário, produção de escrita, conhecimento alfabético, fluência em leitura oral

HABILIDADES DA BNCC

- Língua Portuguesa: EF15LP05; EF15LP06; EF15LP07; EF15LP09; EF15LP10; EF15LP15; EF15LP18; EF12LP05; EF35LP03; EF35LP08; EF35LP25; EF01LP02; EF02LP26

Observação: consulte os termos da PNA e da BNCC no *Glossário* da página 27.

Clube de leitura de *Alice no País das Maravilhas*

Como visto anteriormente, o texto clássico em que o autor Nelson Cruz se inspira para escrever é *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. É importante que os estudantes tenham acesso a adaptações dessa obra adequadas à faixa etária (ver sugestões

na seção *Materiais complementares* deste material) e que façam as conexões entre as personagens e suas características.

Então, providencie alguns exemplares de adaptações do livro escrito por Carroll (ou páginas de determinados capítulos) e organize um clube de leitura, marcando uma reunião semanal para a atividade, propondo a discussão de um trecho por encontro, por exemplo. Distribua os trechos para os estudantes lerem em casa, com o auxílio de seus responsáveis, e peça-lhes que tragam para a sala de aula suas anotações e impressões sobre o trecho lido, estimulando o hábito de leitura e o compartilhamento das sensações experimentadas. Incentive que relatem o que mais gostaram, se encontraram dificuldade para compreender alguma passagem e encoraje que compartilhem a leitura de um trecho preferido com os colegas.

COMPONENTES DA PNA

- Literacia: compreensão de textos, desenvolvimento de vocabulário, conhecimento alfabético, fluência em leitura oral
- Literacia familiar

HABILIDADES DA BNCC

- Língua Portuguesa: EF15LP09; EF15LP10; EF15LP15; EF12LP01; EF12LP02; EF35LP01; EF35LP02; EF35LP21; EF35LP26; EF35LP29; EF01LP26; EF02LP26; EF02LP28

Observação: consulte os termos da PNA e da BNCC no *Glossário* da página 27.

AVALIAÇÃO

Após a realização das atividades com a turma, avaliem conjuntamente o que foi feito. Pergunte quais foram as atividades preferidas, se não gostaram de alguma delas e peça que justifiquem. Estimule os estudantes a compartilhar dificuldades que tiveram e como conseguiram contorná-las. Nesse momento, divida com eles algumas das suas impressões e converse abertamente sobre os melhores momentos da turma e as habilidades que precisam ser aprimoradas.

Uma possibilidade de avaliação é reunir os registros de cada atividade, bem como relatórios, fotos ou vídeos referentes a elas em sala de aula, e montar um breve portfólio de cada estudante – que pode, inclusive, ser compartilhado com os familiares e responsáveis –, apresentando as produções de cada um, sem compará-los entre si. O momento da **leitura dialogada** é uma oportunidade de observar e registrar o repertório dos estudantes. As conversas durante a exploração da obra possibilitarão avaliar o **desenvolvimento de vocabulário**, a **compreensão de textos** e a **fluência em leitura oral** dos estudantes. O portfólio tem grande valor como documentação pedagógica e também simbólica, para os responsáveis e para o próprio estudante, que pode reconhecer seu progresso observando os registros.

3. MATERIAIS COMPLEMENTARES

PARA OS PROFESSORES

- ALICE no País das Maravilhas. Direção: Tim Burton. Estados Unidos, 2010, 108 min. Produção: Walt Disney Pictures. Classificação indicativa: Não recomendado para menores de 12 anos.

Com Johnny Depp no papel do Chapeleiro Maluco, esse filme conta a história de uma Alice que retorna ao País das Maravilhas já com 19 anos, para ali viver novas aventuras.

- BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Conta pra mim*. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/contapramim>. Acesso em: 22 out. 2021.

Portal do programa do governo federal. Dispõe de materiais diversos com orientações e dicas para colocar em prática estratégias de interação, conversas e leitura em voz alta com as crianças.

- CAMPOS, Augusto de Lewis Carroll: homenagem ao *nonsense*. In: CAMPOS, Augusto de. *O anticrítico*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

O poeta concretista emprega todo o seu engenho e arte para recriar alguns dos mais famosos poemas de Lewis Carroll, como o “Poema-cauda” e o “Jaguardarte”.

- CAMPOS, Paulo Mendes. Para Maria da Graça. In: ANDRADE, Carlos Drummond de; SABINO, Fernando; CAMPOS, Paulo Mendes Campos; BRAGA, Rubem. *Crônicas* 4. 13. ed. São Paulo: Ática, 2011.

Nessa crônica, publicada originalmente em jornal, em 1963, o escritor mineiro dirige-se a uma hipotética leitora com a qual partilha uma interpretação muito pessoal acerca do livro *Alice no País das Maravilhas*.

- FURQUIM, Cecília. Pelas caudalosas camadas e curvas do “Poema-cauda”. Para encontrar o ensaio, basta procurar pelo título e autora em *sites* de busca na internet.

Breve ensaio da poeta e crítica Cecília Furquim comentando as dificuldades de tradução do “Poema-cauda”, de Carroll, e as soluções encontradas em algumas traduções para o português. A leitura talvez contribua para interpretar a ilustração de Alice presa na cauda do gato-constelação (p. 24).

- WIKIMEDIA Commons.

Há um vasto acervo em domínio público de imagens de Lewis Carroll e Alice Liddell, bem como de edições da obra clássica e de ilustrações de John Tenniel. Basta digitar o que procura na busca do *site*.

PARA OS ESTUDANTES

- ALICE no País das Maravilhas. Direção: Clyde Geronimi, Hamilton Luske, Wilfred Jackson. Roteiro: Bill Peet, Winston Hibler. Estados Unidos, 1951, 73 min. Produção: Walt Disney Studios. Classificação indicativa: Livre.
Esse longa-metragem de animação baseia-se nas duas histórias de Alice (*Alice no País das Maravilhas* e *Alice através do espelho*) e é considerado uma das melhores adaptações de Carroll para as telas.
- CARROLL, Lewis. *A pequena Alice*. Trad. Cristina Porto. São Paulo: Edições Barbatana, 2018. Outra edição brasileira da adaptação da história original publicada em 1865, feita pelo próprio autor e dirigida a crianças menores.
- CARROLL, Lewis. *A pequena Alice no País das Maravilhas*. Trad. Marina Colasanti. 2. ed. Rio de Janeiro: Galerinha, 2015
Adaptação da história original publicada em 1865, feita pelo próprio autor e dirigida a crianças menores. Ilustrações de Emmanuel Polanco.
- PAES, José Paulo; CARROLL, Lewis. *Rimas no País das Maravilhas*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2019.
Seleção de poemas de Lewis Carroll feita pelo poeta José Paulo Paes (1926-1998), que se encarregou de recriar em português os engenhosos versos do poeta e matemático vitoriano.

4. Bibliografia comentada

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 25 ago. 2021.
Documento que norteia o currículo de toda a Educação Básica no Brasil. Nele, encontram-se as competências e habilidades que devem ser trabalhadas a cada ano e em cada componente curricular.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *Conta pra mim: guia de literacia familiar*. Brasília, DF: MEC, Sealf, 2019. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/conta-pra-mim/conta-pra-mim-literacia.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.
Elaborado pelo governo federal, o guia contém sugestões para o professor estimular o envolvimento dos familiares e responsáveis, estabelecendo uma parceria para a rotina de literacia familiar.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA – Política Nacional de Alfabetização*. Brasília, DF: MEC, Sealf, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf. Acesso em: 25 ago. 2021.
Instituída em 2019, a PNA é uma política que visa fomentar ações que auxiliem na melhoria da qualidade da alfabetização no Brasil, apoiando-se em evidências das ciências cognitivas.
- CARROLL, Lewis. *As aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do espelho*. Edição comentada e anotada por Martin Gardner. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
Uma das melhores versões dos mais conhecidos livros de Carroll, com notas que esclarecem detalhes do contexto (histórico e biográfico) em que as obras foram compostas.
- CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Trad. de Ana Maria Machado. 4. ed. São Paulo: Ática, 2020.
Uma tradução pioneira que busca aclimatar algumas das paródias criadas por Carroll, substituindo as referências vitorianas por equivalentes da tradição brasileira.
- CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Trad. de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora 34, 2015.
Tradução primorosa realizada pelo poeta pernambucano Sebastião Uchoa Leite (1955-2003), atenta aos aspectos estruturais da linguagem carrolliana.
- LEITE, Sebastião Uchoa. O que a tartaruga disse a Lewis Carroll. In: CARROLL, Lewis. *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Trad. de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora 34, 2015.
Nesse texto publicado como posfácio à sua tradução, Leite arrola as ideias dos principais intérpretes da obra, em âmbito nacional e internacional.

- MASSAGARDI, Fernanda M. M. *Percursos da literatura na educação: ensinar contando histórias*. 2014. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
A pesquisadora demonstra como a literatura contribui para o desenvolvimento cognitivo e afetivo, ao proporcionar a formação de um sujeito crítico que interpreta e recria situações.
- POE, Edgar Allan. Filosofia da composição. *In: POE, Edgar Allan. Poemas e ensaios*. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. 3. ed. revista. São Paulo: Globo, 1999.
Usando como exemplo um de seus mais famosos poemas – “O corvo” –, Poe defende a ideia de uma poesia feita com total planejamento e controle dos materiais, do tom, do efeito que se deseja produzir sobre os leitores.
- SILVA, Joice Ribeiro Machado da. *O ensino das estratégias de compreensão leitora: uma proposta com livros de literatura infantil*. 2014. 223 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/108629>. Acesso em: 26 out. 2021.
A educadora revela como um trabalho sistematizado sobre o ensino das estratégias de leitura com livros de literatura infantil contribui para o avanço na compreensão do texto literário.
- VAN DER LINDEN, Sophie. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: SESI-SP, 2018.
Van der Linden examina o vínculo entre texto e imagem em livros ilustrados, com base na análise de mais de três centenas de obras de artistas do mundo inteiro.

5. Glossário

POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO (PNA)

- **Leitura dialogada:** interação, por meio de perguntas e respostas, entre adultos e crianças antes, durante e depois da leitura em voz alta.
- **Literacia:** conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita e sua prática produtiva.
 - **Literacia básica:** primeiro nível (da pré-escola ao fim do 1º ano do Ensino Fundamental), consiste na aquisição das habilidades fundamentais para a alfabetização (literacia emergente) para que a criança acesse, ao longo do aprendizado, conhecimentos mais complexos. Abrange os seguintes componentes essenciais para a alfabetização:
 1. *consciência fonológica:* habilidade que inclui a identificação e a manipulação intencional da linguagem oral (palavras, sílabas, aliterações e rimas);
 2. *consciência fonêmica:* habilidade de conhecer e manipular intencionalmente os fonemas, que são as menores unidades fonológicas da fala.
 - **Literacia familiar:** experiências e práticas vividas pelos estudantes com seus familiares e responsáveis antes e durante sua vida escolar.
 - **Literacia intermediária:** segundo nível (do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental), após a literacia básica (da pré-escola ao fim do 1º ano do Ensino Fundamental), abrange habilidades mais avançadas, como:
 1. *fluência em leitura oral:* capacidade de ler com precisão, velocidade e prosódia;
 2. *desenvolvimento de vocabulário:* tem por objeto tanto o vocabulário receptivo e expressivo quanto o vocabulário de leitura. Os leitores iniciantes empregam seu vocabulário oral para entender as palavras presentes nos textos escritos;
 3. *compreensão de textos:* é o propósito da leitura, que depende primeiro da aprendizagem da decodificação e, posteriormente, da identificação automática de palavras e da fluência em leitura oral. Outros fatores também influem na compreensão, como o vocabulário, o conhecimento de mundo e a capacidade de fazer inferências;
 4. *produção de escrita:* diz respeito tanto à habilidade de escrever palavras quanto à de produzir textos;
 5. *conhecimento alfabético:* componente que tem por objetivo garantir que o estudante se familiarize com o alfabeto, essencial em atividades que envolvem codificação (escrita) e decodificação (leitura).

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

Língua Portuguesa

-
- EF15LP02** Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.
-
- EF15LP03** Localizar informações explícitas em textos.
-
- EF15LP04** Identificar o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais em textos multissemióticos.
-
- EF15LP05** Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.
-
- EF15LP06** Rer e revisar o texto produzido com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação.
-
- EF15LP07** Editar a versão final do texto, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, ilustrando, quando for o caso, em suporte adequado, manual ou digital.
-
- EF15LP09** Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.
-
- EF15LP10** Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.
-
- EF15LP12** Atribuir significado a aspectos não linguísticos (paralinguísticos) observados na fala, como direção do olhar, riso, gestos, movimentos da cabeça (de concordância ou discordância), expressão corporal, tom de voz.
-
- EF15LP13** Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.).
-
- EF15LP15** Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.
-
- EF15LP16** Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.
-
- EF15LP18** Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.
-
- EF15LP19** Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.
-
- EF12LP01** Ler palavras novas com precisão na decodificação, no caso de palavras de uso frequente, ler globalmente, por memorização.
-
- EF12LP02** Buscar, selecionar e ler, com a mediação do professor (leitura compartilhada), textos que circulam em meios impressos ou digitais, de acordo com as necessidades e interesses.
-
- EF12LP05** Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, (re)contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhas, cordel), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto.
-
- EF12LP18** Apreciar poemas e outros textos versificados, observando rimas, sonoridades, jogos de palavras, reconhecendo seu pertencimento ao mundo imaginário e sua dimensão de encantamento, jogo e fruição.
-
- EF35LP01** Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado.
-
- EF35LP02** Selecionar livros da biblioteca e/ou do cantinho de leitura da sala de aula e/ou disponíveis em meios digitais para leitura individual, justificando a escolha e compartilhando com os colegas sua opinião, após a leitura.
-

-
- EF35LP03** Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.
-
- EF35LP04** Inferir informações implícitas nos textos lidos.
-
- EF35LP05** Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.
-
- EF35LP07** Utilizar, ao produzir um texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais, tais como ortografia, regras básicas de concordância nominal e verbal, pontuação (ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, vírgulas em enumerações) e pontuação do discurso direto, quando for o caso.
-
- EF35LP08** Utilizar, ao produzir um texto, recursos de referência (por substituição lexical ou por pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos), vocabulário apropriado ao gênero, recursos de coesão pronominal (pronomes anafóricos) e articuladores de relações de sentido (tempo, causa, oposição, conclusão, comparação), com nível suficiente de informatividade.
-
- EF35LP12** Recorrer ao dicionário para esclarecer dúvida sobre a escrita de palavras, especialmente no caso de palavras com relações irregulares fonema-grafema.
-
- EF35LP21** Ler e compreender, de forma autônoma, textos literários de diferentes gêneros e extensões, inclusive aqueles sem ilustrações, estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.
-
- EF35LP24** Identificar funções do texto dramático (escrito para ser encenado) e sua organização por meio de diálogos entre personagens e marcadores das falas das personagens e de cena.
-
- EF35LP25** Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens.
-
- EF35LP26** Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.
-
- EF35LP29** Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas.
-
- EF01LP02** Escrever, espontaneamente ou por ditado, palavras e frases de forma alfabética – usando letras/grafemas que representem fonemas.
-
- EF01LP25** Produzir, tendo o professor como escriba, recontagens de histórias lidas pelo professor, histórias imaginadas ou baseadas em livros de imagens, observando a forma de composição de textos narrativos (personagens, enredo, tempo e espaço).
-
- EF01LP26** Identificar elementos de uma narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço.
-
- EF02LP01** Utilizar, ao produzir o texto, grafia correta de palavras conhecidas ou com estruturas silábicas já dominadas, letras maiúsculas em início de frases e em substantivos próprios, segmentação entre as palavras, ponto final, ponto de interrogação e ponto de exclamação.
-
- EF02LP26** Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura.
-
- EF02LP27** Reescrever textos narrativos literários lidos pelo professor.
-
- EF02LP28** Reconhecer o conflito gerador de uma narrativa ficcional e sua resolução, além de palavras, expressões e frases que caracterizam personagens e ambientes.
-
- EF03LP01** Ler e escrever palavras com correspondências regulares contextuais entre grafemas e fonemas – c/qu; g/gu; r/rr; s/ss; o (e não u) e e (e não i) em sílaba átona em final de palavra – e com marcas de nasalidade (til, m, n).
-

Arte

-
- EF15AR19** Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).
-
- EF15AR20** Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.
-

Ficha técnica

Obra

Título: *Alice no telhado*

Autor e ilustrador: Nelson Cruz

Editora: SM

3ª edição, 2021

Material Digital de Apoio à Prática do Professor

Editora responsável: Graziela Ribeiro dos Santos

Editoras assistentes: Olívia Lima e Mariane Brandão

Produção e consultoria técnico-pedagógica: Triolet e Millyane Moura Moreira